



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ESTUDOS SOCIOFUNCIONALISTAS: VERIFICANDO A GRAMATICALIZAÇÃO DO PREFIXO *DES-* NO *CORPUS* DO PORTUGUÊS POPULAR URBANO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Warley José Campos Rocha*
(UESB)

Jorge Augusto Alves da Silva**
(UESB)

Valéria Viana Sousa***
(UESB)

RESUMO

As estruturas linguísticas, segundo os pressupostos funcionalistas, devem ser analisadas a partir da interação entre falantes de uma língua. Neste trabalho, é tomado o prefixo *des-* como objeto de estudo. Prototipicamente, esse afixo possui o sentido de negação. Porém, foram constatados outros sentidos para o mesmo prefixo. Para realização dessa pesquisa, estudou-se o prefixo *des-* em material científico atinentes aos pressupostos sociofuncionalistas, dicionários e utilizou-se o *corpus* do Português Popular da Comunidade de Vitória da Conquista, analisando a funcionalidade do prefixo nos dados estudados. Conforme os resultados dos estudos feitos, observou-se que quase na totalidade das ocorrências, o uso do prefixo assume o sentido prototípico.

PALAVRAS-CHAVE: Sociofuncionalismo. Prefixo *des-*. Prototípico.

* Discente do Curso de Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: warleycampos@live.com.

**Doutor em Letras (Linguística Histórica) pela UFBA. Professor titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL)/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: adavgvstvm@gmail.com.

***Doutora em Letras pela UFPB. Professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL)/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: valerianavianasousa@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

INTRODUÇÃO

Estudos têm sido desenvolvidos no Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. O trabalho a seguir é, por sua vez, produto das inquietações dos pesquisadores que compõem o grupo supracitado. Uma das inquietações que tem sido alvo de estudos é a gramaticalização do prefixo *des-* em itens linguísticos estudados a partir de princípios funcionalistas.

Segundo os pressupostos funcionalistas, as estruturas linguísticas não podem ser estudadas excluindo o contexto no qual as mesmas são produzidas. Dessa forma, evidenciaríamos o funcionamento de tais estruturas em um contexto de uso real com propósitos determinados. Nesta teoria, também são evidenciadas como acontecem determinadas migrações funcionais provenientes de uma mesma estrutura, processo esse que se respalda por pressões de uso dos falantes com o intuito de alcançar maior expressividade ao se interagir. Diante disso, temos estudado o deslocamento funcional de vocábulos, o que comprova a extensão semântica dos mesmos, possibilitando, por conseguinte, um aumento de possibilidades partindo de um mesmo item linguístico. O presente trabalho ancora-se nos princípios funcionalistas e estuda o prefixo *des-* em ocorrências de fala por informantes que faz o uso do português popular, objetivando mostrar o deslocamento de sentido a partir de uma análise funcionalista.

Para realização do trabalho vigente, foi necessário o estudo de gramáticas históricas e contemporâneas, dicionários etimológicos e pesquisas linguísticas. Em seguida, foi utilizado o *corpus* do Português Popular da Comunidade de Vitória da Conquista, posteriormente os dados foram analisados, obtendo os resultados e as conclusões.

Pode-se notar que o falante de uma língua, a partir da sua necessidade, faz o uso de vocábulos e partículas morfológicas que os constituem em contextos diferenciados,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de maneira a dar novos significados aos mesmos, fazendo com que essas realizações se rotinizem e, conseqüentemente, se tornem gramaticais. Partindo de uma perspectiva funcionalista, entende-se que é relevante não se deter apenas à estrutura ou uma definição prescrita da mesma, mas sim compreender o porquê de um termo ter sido empregado em um contexto atípico, fugindo, então, de uma regularidade até aquele momento obedecida.

Uma vez que o significado de um item linguístico pode se tornar flexível, isto é, deixando de exercer apenas uma função para dar margem a outras, prova que o estudo desse movimento semântico e, às vezes, indo além da semântica e partindo para mudanças categoriais, se torna importante, pois, desta forma, haverá a tentativa de se esclarecer como isso se dá e por qual motivo isso ocorre. Primeiramente, esse fenômeno será compreendido por gramaticalização. Sob a perspectiva funcionalista, Freitag (2010, p.147) elenca diferentes concepções de gramaticalização, se ancorando em alguns peritos no assunto:

Vejam-se algumas concepções de gramaticalização: (i) para Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 2) há gramaticalização quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical; (ii) Hopper e Traugott (1993, p. xv) consideram a gramaticalização como o processo por meio do qual itens e construções lexicais em certo contexto linguístico desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais; (iii) para Traugott e Heine (1991, p. 4), gramaticalização é um tipo de mudança linguística, sujeita a certos processos gerais e mecanismos de mudanças e caracterizada por determinadas conseqüências, como a mudança na gramática; e, (iv) de acordo com Bybee e Hopper (2000, p. 13) a gramaticalização é o mecanismo pelo qual as estruturas emergem a partir da língua em uso.

Seguindo ainda a ideia de gramaticalização, sob uma abordagem funcional, Heine (1991), com o intuito de explicar o que ocorre com um item linguístico no processo de gramaticalização, estabelece quatro classes que diferenciam



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

parametricamente cada um dos possíveis processos. Sendo elas: extensão, dessemantização, decategorização e erosão. A extensão pode ser entendida a partir do seu próprio nome, o valor semântico é estendido, ampliado, dando, por conseguinte, uma possibilidade maior de utilização do item. Em seguida, a dessemantização consiste na perda do valor inicial de referência do item linguístico, ocasionado uma espécie de desbotamento e fazendo, então, que ocorra uma expressividade menos evidente. A decategorização, por sua vez, ocorre quando o item linguístico migra de uma categoria para outra. E, a erosão é percebida na perda fônica de um item acarretando um desbotamento também.

Sabe-se que o funcionalismo busca apontar as relações entre a estrutura e a função que é dada a essa. Logo, é correto afirmar que um falante está sempre munido de uma intenção, de um objetivo, sendo eles caracterizados pelo contexto histórico-cultural e conhecimento de mundo que cada um possui; e, em função disso, este falante procurará a melhor forma para expressar o que deseja. Para isso, o mesmo falante disporá de vocábulos já existentes em sua língua, bem como outros mais que serão criados a partir daqueles, fazendo o uso de partículas morfossintáticas que trabalham na formação de palavras. De acordo com Cunha (2008, p. 157), entende-se que:

Os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, a tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação lingüística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso [...]

A formação de palavras na língua portuguesa, a rigor, se dá por meio de dois importantes processos, a saber: composição e derivação (prefixação ou sufixação).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Cunha e Cintra (2001) ainda afirmam que esses são os únicos modos que promovem a formação de palavras. Logo, é necessário que se entenda a diferença entre ambos. Alguns gramáticos se posicionam em relação ao assunto, mostrando em que se diferenciam tais processos.

Said Ali (1971, p. 229) postula:

[...] Consiste a **composição** em criar (sic) palavras novas combinando vocábulos já existentes. A **derivação**, por outra parte, toma palavras existentes e lhes acrescenta certos elementos formativos com que adquirem sentido novo, referido contudo ao significado da palavra primitiva [...] (grifo nosso)

Rocha Lima (2000) não possui uma concepção diferente da apresentada por Said Ali (1971). Ele acredita que o processo por composição se dá na junção de dois vocábulos autônomos da língua, ou seja, com significação própria, e, diante disso, há como resultado uma nova significação concatenação dos vocábulos. A derivação, ainda por Rocha Lima (2000), consiste na formação de outros vocábulos, “[...] por meio da agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido – referido sempre, contudo, à significação da palavra primitiva.” (p. 200)

Dando seguimento, Bechara (1999), por sua vez, advoga que o processo por composição é estabelecido quando há “[...] [a] criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si [...]” (p.335). E, em relação ao processo de derivação, Bechara (1999) postula que “consiste em formar palavras de outras primitivas [isto é, aquelas que são simples e não derivam de outras] por meio de afixos [...]” (p.357).

E para dar cabo à discussão em relação ao que alguns gramáticos entendem acerca dos dois processos de formação de palavra, Azeredo (2002), por seu turno, de maneira sucinta, assegura que: “[...] Por definição, uma palavra é formada por derivação quando provém de outra, dita **primitiva** [...] [e] por composição quando resulta da união de outras duas ou mais palavras, ditas **simples** [...]” (p. 79).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Diante do que foi visto, é perceptível que os teóricos mencionados, até o momento, compreendem os dois processos discrepantemente. E, o presente estudo objetiva dar uma atenção maior a uma partícula que trabalha efetivamente na língua, tornando um dos dois processos, até aqui explanados, verdadeiro. A partícula referida é o prefixo **des-**, que atua no processo de derivação por prefixação. Pode-se afirmar, a cavaleiro, que este prefixo faz parte do processo de formação de palavra por derivação, porque ele não consiste em uma palavra autônoma na língua, isto é, não é um prefixo que pode trabalhar sozinho. Para melhor entender isso, pode-se tomar o elemento prefixal **contra** como exemplo, uma vez que, o mesmo é realizado em palavras compostas como em **contradizer** (dizer o contrário de algo) ou sozinho como a preposição **contra** (em oposição direta a alguém ou algo). O que ocorre em **contradizer** é um processo de composição, em contrapartida, o que ocorre em **desfazer** é um processo por derivação.

Partindo do pressuposto que as palavras formadas com o auxílio do prefixo **des-** passaram por um processo de prefixação, entende-se com isso que esse processo equivale a concatenação de um elemento prefixal a um radical (prefixado ou não) dando origem a uma nova palavra que, por sua vez, possui um sentido respectivo. É relevante salientar que muitos teóricos acreditam que esse processo pode ser incluído à ideia de formação de itens linguísticos por composição, a saber, segundo Rocha Lima (2000): “[...] Bourciez, Garcia de Diego, José Joaquim Nunes, Ribeiro de Vasconcelos, J. Matoso Câmera Jr., etc. [...]” (p. 200). Rocha Lima (2000) elenca, também, aqueles que acreditam o contrário, como, por exemplo: “[...] Meyer-Lübke, Brunot, Dauzat, Nyrop, Grandgeant, Sweet, Said Ali, AntenorNascente, etc. [...]” (p. 200). Coutinho (2004, p. 176) também faz essa ressalva, em nota de rodapé, arrolando nomes de linguistas.

Como esse trabalho se propõe a estudar um prefixo, nada mais justo que abordar as características de um prefixo. Os linguistas afirmam que os prefixos, em



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sua origem, são considerados advérbios ou preposições. Coutinho (2004) postula que tais elementos podem ser classificados segundo alguns critérios, sendo eles de acordo com a forma, valor, uso e origem. Quanto à forma pode ser compreendido como popular ou erudito; de conhecimento e uso do povo ou por pessoas consideradas cultas, respectivamente. Em relação ao valor, pode se expletivo ou inexpletivo; não atribuindo ideia alguma ao radical prefixado ou o contrário, respectivamente. No tocante ao uso, assume o papel de separável ou inseparável; podendo ser utilizado fora do composto ou sendo inteiramente dependente de um radical, respectivamente. E, por fim, concernente à origem, pois podem ser oriundos do latim ou grego.

Segundo as classificações feitas por Coutinho (2004), o objeto de estudo desse trabalho, o **des-**, será classificado como popular, (in)expletivo, inseparável e latino, segundo a sua forma, valor, uso e origem, respectivamente. Com o intuito de abordar a formação do prefixo **des-**, Said Ali (1971) advoga que:

Contrariamente a alguns gramáticos, penso que este prefixo não procede da junção das preposições latinas *de* e *ex*. Semelhante operação não se fazia em latim culto e é improvável que o latim vulgar, onde justamente o emprego de *ex* como preposição tendia a desaparecer, sentisse a necessidade de agregá-la a outra partícula para constituir prefixo duplo. A meu ver, *des-*, como prefixo usado com sentido negativo ou de contradição, é a romanização de *dis-*, forma esta que se manteve inalterada em certo número de vocábulos recebidos da língua-mãe, mas cuja faculdade de crear (sic) novos termos dentro do domínio da língua portuguesa se transferiria à forma *des-*. A alteração fonética veio acompanhada de sensível diferenciação semântica, desenvolvendo fortemente o sentido negativo que se começava a observar em latim *díspar*, *dissimilis*, e outros vocábulos, apagando-se ao mesmo tempo o sentido de separação ou divisão próprio do prefixo latino. (p. 250)

Após as discussões feitas anteriormente, é bastante válido apresentar como os teóricos apresentam a semântica do prefixo em estudo. Por meio de observação nas postulações de estudioso, percebe-se que o *des-* pode assumir mais de um



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

significado. Podendo ser uns mais recorrentes que os outros. Segundo a noção de prototipia à luz do funcionalismo, Sousa (2011, p. 132) afirma que:

Na teoria funcional, fenômenos como esse são relacionados à noção de prototipia. Na teoria dos protótipos, as categorias podem ser classificadas com uma maior exatidão, tomando como foco de observação o elemento linguístico que reúne um maior número de atributos. Este é responsável por caracterizar uma categoria e é considerado, dessa forma, como protótipo dessa classe. Esse elemento é responsável pela classificação dos demais membros da categoria, conforme o “grau de semelhança” que possua com os demais elementos. Em uma espécie de “os iguais se atraem”, as propriedades que associam os elementos são as justificativas da existência de uma categoria comum.

Inicialmente, o protótipo, a rigor, configurava a entidade núcleo em torno do qual a categoria era organizada. Assim, o espaço central era preenchido por elementos que possuíam atributos mais semelhantes, que ocupavam o posto de membros centrais das categorias de nível básico, e os que possuíam menor semelhança distanciavam-se e ocupavam o espaço marginal. Depois, o protótipo passou a ser reconhecido como uma entidade construída com bases fundamentadas nas propriedades intrínsecas da categoria, aquele que detém atributos mais centrais (mais prototípicos) que outros.

Portanto, segundo o que foi compreendido por prototipia, sob a perspectiva apresentada por Sousa (2011) acima, o valor prototípico do prefixo *des-*, isto é, o valor semântico que ocupa a posição central de uso e que, geralmente, identifica o item morfológico em estudo é o sentido de *negação*.

Embora o sentido de *negação* seja o prototípico, ou o mais corriqueiro de se encontrar, vale salientar que existem outros sentidos para o mesmo prefixo. Estes sentidos são apresentados por vários teóricos que se dedicam ao estudo da língua, especialmente gramáticos, a saber: Bechara (1999), Coutinho (2004), Rocha Lima (2000), Cunha & Cintra (2001) Said Ali (1971). Além dos teóricos também foi analisado dicionários, como, por exemplo, Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e Aurélio.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Os teóricos apresentaram os seguintes sentidos para o prefixo *des-*: negação, separação, afastamento, ação contrária, intensidade, privação, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade. *O Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* afirma sobre o prefixo que: “de form. vern., talvez do lat. dis- (ver 1 dis-), talvez de deex; exprime sobretudo: 1) oposição, negação ou falta: desabrigo, desleal; 2) separação: descascar; 3) reforço, intensidade: desinfeliz; ver o que é dito em de-, sem conexão com este *des-*”. Já, no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, está postulado que:

1.= ‘separação’; ‘transformação’; ‘intensidade’; ‘ação contrária’; ‘negação’, ‘privação’: despedaçar, desfazer, dessangrar, desumano, desacordo, deslavar. [Assume, às vezes, caráter reforçativo: desafastar, desalhear, desalijar, desaliviar, desapagar, desapartar, desapear, desborcar, desenxabido, desfear, desinfelicidade, desinfeliz, desinquietar, desinquieto, deslisar, desnudez, despelar; e, em um caso (pelo menos), reiterativo: deslavar.]

Então, percebe-se que o prefixo *des-* assume diferentes sentidos. Esses sentidos serão atestados em variados contextos, especialmente pela pressão da interação verificada por sujeitos de linguagem. Recebendo uma funcionalidade apropriada segundo intenção dos falantes que fazem o uso do item morfológico após um processo de formação de palavra.

Após passar por fontes teóricas e conhecer com mais acuidade o objeto de estudo, que na presente pesquisa é o prefixo *des-*, partiu-se para localização e análise do mesmo no *corpus* do Português Popular na Comunidade de Vitória da Conquista – PPUVC, elaborado pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

Para composição do *corpus* do PPUVC, foram realizadas 28 entrevistas sendo apenas 24 escolhidas segundo os critérios que foram anteriormente previstos para constituição dos dados, após as gravações, as entrevistas foram transcritas por bolsistas de IC-FAPESB do curso de Letras Modernas da UESB,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

depois de serem orientados para se basearem na *Proposta de Chave de Transcrição* que tem por autoria o coordenador do “Projeto Vertentes”, o professor Dante Lucchesi.

Para o trabalho com o prefixo *des-*, foram selecionados quatro informantes, sendo dois homens e duas mulheres, formando, por conseguinte, dois casais em que cada um apresenta uma faixa etária, a saber: um (01) homem e uma (01) mulher da primeira faixa etária – jovem e um(01) homem e uma(01) mulher da terceira faixa etária – idoso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira informante, S.C.C., de 33 anos, durante a entrevista fez o uso de alguns verbos que são compostos pelo prefixo *des-*. Segue abaixo os fragmentos enumerados e a seguir a análise com os respectivos números:

(01) Unhum. Conversava muito com ela, e ela me apareceu grávida. Primeiro, apareceu com uma história de dor no estômago, depois a gente foi descobrir: era grávida. (S.C.C)

(02) O menino que eu perdi, meu, até meu marido, minha família, assim, desconfia que foi erro do médico. (S.C.C).

Então, no fragmento (01), a informante ao utilizar o prefixo não tem o interesse de negar, ou seja, fazer o uso prototípico do sentido de *negação*, mas sim no sentido de *cessação de estado*, porque uma situação que antes era resguardada, ou oculta, deixou de ser. No fragmento (02), já é verificado o sentido de *negação*, uma vez que pensando no verbo confiar como acreditar ou crer nas boas atitudes de alguém, isso é negado.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A entrevista do informante, J.S.R., de 28 anos, também apresenta dados importantes para este estudo, segue a abaixo os dados seguindo o mesmo parâmetro da informante anterior:

- (01) Com filho né essas coisa, então tem tudo pra ele crescer né? então ele aproveitando agora, quando ele chegar casar, já tá né, bem **desenrolado**. (J.S.R.)
- (02) Ah, quando tem alguma coisa assim que acontece, quando tem com criança, quando passa uma menina aí **desaparecida**, que alguém pegou e deu sumiço... (J.S.R.)

Este informante faz o uso do prefixo *des-* aglutinando a dois adjetivos e em ambos os processos de formação, o item morfológico apresenta o mesmo sentido, o de *negação*. No número 1 (um), entende-se como a negação do adjetivo enrolado e no número 2 (dois), a negação do adjetivo aparecido.

A informante M.C.A.O., de 75 anos diz em determinado momento da entrevista a seguinte sentença: (01) Acolhe os velhinhos **desabrigados** (M.C.A.O.). Nesse caso, o prefixo assume o sentido de *negação*, pois é a negação do adjetivo abrigado.

Por fim, o último informante, Z.S.N., de 86 anos, em sua entrevista, faz o uso do prefixo *des-* da seguinte forma: (01) [...] tava com o buchão já ficando duro... doendo... **desapareceu**... as dor... desceu tudo[...] (Z.S.N.). Neste fragmento extraído, o prefixo é adicionado ao verbo aparecer. O afixo assume o sentido *negação*, indicando que a dor não aparece mais, isto é, não está mais presente.

Conclusão

Através dos estudos preliminares feitos para compreender de modo mais efetivo o objeto de estudo do presente trabalho, passando pelos princípios sociofuncionalistas, morfológicos e semânticos, a análise do *corpus* fez com que os pesquisadores passassem a olhar o prefixo *des-* com umavisão mais crítica e



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

buscando constantemente encontrar o deslocamento de sentido do vocábulo a partir da pressão do uso feita pelos falantes da língua como advoga o funcionalismo. De antemão, por meio de análise do material científico e dos dicionários, o sentido de *negação* já era considerado como prototípico.

Conclui-se, por meio das observações feitas com os dados extraídos do *corpus* do Português Popular da Comunidade de Vitória da Conquista que de fato o valor de *negação* é recorrente também em falas espontâneas de falantes do português popular, muito embora tenha sido encontrado também outro sentido, o de *cessação de estado*, que fica mais à margem. Este trabalho não está finalizado, ainda faltam alguns estudos no *corpus*. Foi feito um pequeno recorte do mesmo, porém existe o interesse em dar continuidade nos estudos com perspectivas como as deste trabalho.

REFERÊNCIA

- AZEREDO, José Carlos de. Fundamentos de gramática do português. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática Portuguesa*. 37ª ed. revisada e ampliada, Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 1999.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.
- CUNHA, Angélica Furtado. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) ET al. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREITAG, Raquel MeisterKo. *Emergência e Inovação na Língua: Explorando o Paradigma Funcional da Gramaticalização*. In.: Vertentes & Interfaces II: Estudos Linguísticos e Aplicados, Fólio: Revista de Letras, v2, n.1, Vitória da Conquista: jan./jun. 2010, p.143-161.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SOUSA, Valéria Viana. Os sentidos do prefixo [re] nas Fábulas de Fedro e de Monteiro Lobato. In: CAMBRUSSI, Morgana Fabiola; ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros (Orgs.). *Léxico e Gramática*. Curitiba: Editora CRV, 2011.